

## Interlocução entre sujeito-autor e sujeito-leitor na publicação sindical cutista

Renata Silveira da Silva\*

**Resumo:** Neste estudo, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa, discutimos a especificidade da interlocução que se estabelece entre sujeito-autor e sujeito-leitor na publicação sindical da Central Única dos Trabalhadores (CUT). A Central, na condição de porta-voz, produz materialidades nas quais os destinatários se identifiquem como as "vozes originárias". Contudo, essa simetria entre sujeito-autor e sujeito-leitor coexiste com a assimetria, pois os enunciados advindos dos trabalhadores são ressignificados no discurso cutista, que recorre à movimentação e à tentativa de organização da memória discursiva para interpelar a classe trabalhadora ao reconhecimento e à manutenção da Central como sua legítima representante. Como percurso teórico-analítico, tratamos brevemente da constituição da CUT em porta-voz, após, dissertamos sobre a memória discursiva. Por fim, elucidamos algumas articulações teóricas através da análise de duas sequências discursivas de referência extraídas do "Manifesto aos Trabalhadores: Não dá mais!" (BOLETIM NACIONAL DA CUT, 1985).

**Palavras-chave:** Discurso da CUT. Porta-voz. Sujeito-autor. Sujeito-leitor.

### Introdução

No presente estudo, objetivamos refletir sobre a especificidade da

---

\* Doutora em Letras, área de Linguística Aplicada, pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) - Campus Jaguarão.

R. Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 12	n. 19	p. 59-74	Dez. 2010. Recebido em: 03 dez. 2010 Aprovado em: 20 dez. 2010
------------------------	----------------------	-------	-------	----------	---

interlocução que se estabelece entre o sujeito-autor e o sujeito-leitor quando analisamos, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa, publicações sindicais, mais especificamente, materialidades produzidas pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) com o intuito de disseminar na classe que representa seus ideários<sup>1</sup>.

Conforme o referencial teórico adotado, o texto é uma materialidade a partir da qual nos confrontamos com os processos discursivos e as posições ideológicas coexistentes numa dada formação social. A exterioridade do texto necessariamente está inscrita nessa materialidade. Entretanto, o sujeito-autor tenta velar as diferentes possibilidades interpretativas em prol dos sentidos advindos da formação discursiva a que se filia.

A escrita-leitura-interpretação é um processo de vai-e-vem entre instauração da homogeneidade e irrupção da heterogeneidade. Conforme Indursky (2001), o sujeito-autor assim se institui ao promover um apagamento da tensão de formações discursivas, matrizes dos sentidos. Mediante a dissimulação da heterogeneidade, isto é, do deslocamento das significações, o texto adquire temporariamente o status de construção fechada, homogênea, estável.

O sujeito-leitor, a partir de suas condições de produção e filiações sócio-históricas, pode se identificar<sup>2</sup>, se desidentificar ou se contraidentificar com a formação discursiva a partir da qual o sujeito-autor enuncia. Nessa interlocução que a leitura promove, o sujeito-leitor desconstrói a teia de relações tramada pelo sujeito-autor, resgata a velada heterogeneidade e logo propõe outras relações semânticas, que convergirão em uma nova materialidade, mais "protegida" da inscrição

---

<sup>1</sup> Nesta reflexão, resgatamos considerações desenvolvidas na Tese de Doutorado "O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT" (SILVA, 2010) e as articulamos com a perspectiva discursiva da leitura.

<sup>2</sup> Segundo Pêcheux (1995), no processo de interpelação ideológica há um desdobramento, de um lado, está o locutor, ou o sujeito da enunciação, que é quem "toma posição", de outro lado, está o sujeito universal, o sujeito da FD (p. 214). A relação entre o sujeito universal e o sujeito da enunciação ocorre através da forma-sujeito e pode apresentar diferentes modalidades. Numa delas, há uma superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, ou seja, há uma identificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito, o que resulta no "bom-sujeito". Em outra modalidade, o sujeito da enunciação volta-se contra o sujeito universal, contrapondo-se à forma-sujeito. Daí resulta o "mau-sujeito". A terceira modalidade remete à desidentificação, ou seja, o sujeito se desidentifica com a formação discursiva e identifica-se com outra (p. 215-217).

do equívoco.

A interlocução entre sujeito-autor e sujeito-leitor na publicação sindical adquire especificidade porque a CUT assume a posição de porta-voz. Sendo assim, os interesses dos representados são linearizados e disseminados nas materialidades produzidas pela Central de modo que os trabalhadores enquanto sujeitos-leitores (destinatários) se reconheçam como as vozes "originárias" (autores). Entretanto, tal correspondência entre sujeito-autor e sujeito-leitor convive com a disparidade, porque a palavra, quando enunciada pelo porta-voz, é ressignificada, inserida num processo discursivo que visa coagir os trabalhadores a se identificarem com o "novo sindicalismo" e interpelá-los a serem "bons sujeitos", plenamente identificados com o posicionamento ideológico que subsidiará a mudança das relações trabalhistas. Apregoa-se a simetria entre sujeito-autor e sujeito-leitor para ocultar os mecanismos de interpelação que induzirão os trabalhadores a manterem a CUT como instituição autorizada à representação do grupo.

A seguir, resgatamos informações sobre a CUT, focalizando sua condição de porta-voz. Após, recorreremos à noção de memória discursiva para refletirmos sobre o modo como a Central ressignifica os pré-construídos advindos dos trabalhadores numa prática discursiva que visa conter a dispersão de posições-sujeito. A partir da memória discursiva, também explicitamos os recursos linguístico-discursivos utilizados pela CUT para instaurar a equivocidade nas materialidades advindas da grande mídia e, conseqüentemente, construir uma versão histórica mais homogênea na publicação sindical. Nesse âmbito, demonstramos como a porta-voz tenta movimentar e "organizar" a memória discursiva dos representados. Por fim, elucidamos algumas das articulações propostas através da dessuperficialização de duas sequências discursivas de referência extraídas do "Manifesto aos Trabalhadores: Não dá mais!" (BOLETIM NACIONAL DA CUT, 1985).

### **CUT: porta-voz dos trabalhadores**

Na história do sindicalismo brasileiro, as paralisações de 1978, cujo "centro de irradiação" foi o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, representaram o início de uma nova fase na ação sindical, marcada pela possibilidade de participação na cena política de muitos trabalhadores,

silenciados desde 1964 (RODRIGUES, 2004, p. 11-12).

A inovação da atuação sindical dos trabalhadores, denominada "novo sindicalismo", foi marcada por greves em massa, que podiam ser gerais ou realizadas por categorias e fábricas, em contraponto com as lutas mais defensivas e localizadas (RODRIGUES, 2004, p. 12). Essa expressão identifica ainda um período que surgiu com várias intenções, dentre elas, extinguir o controle governamental dos sindicatos, existente no Estado Vargas e no regime militar; ter direito à greve; realizar reivindicações em massa; estabelecer o conflito entre empregados e o patronato; melhorar os salários e as condições de trabalho.

No âmbito político, o movimento dos trabalhadores se opunha ao regime militar e lutava pela redemocratização. No âmbito do sindicalismo, defendia "um padrão de ação sindical mais preocupado com os trabalhadores em seus locais de trabalho e com sua organização a partir das empresas" (RODRIGUES, 1997, p. 52).

A Central Única dos Trabalhadores, como representante do "novo sindicalismo", atua como porta-voz que enfim explicita as necessidades reprimidas dos trabalhadores. Torna-se a entidade que manifesta as insatisfações dessa classe que almejava mais direitos de cidadania e participação mais efetiva na conjuntura política.

A criação de uma entidade nacional que aglutinasse os sindicatos existentes representou a continuidade do novo modo de ação coletiva, lentamente organizado após 64 e efetivamente iniciado em 1978. Os movimentos sociais que adquiriram notoriedade na época significaram, por suas linguagens, pelos locais de manifestação, pelos valores defendidos, "a emergência de novas identidades coletivas" (SADER, 1998, p. 27). Surgia um "novo sujeito", assim designado por ser coletivo, logo, destituído de duas imanências do sujeito burguês - a individualidade e a autonomia; por reivindicar um "lugar político novo", isto é, defender a valorização das experiências sociais cotidianas; e por realizar uma nova prática: a luta pelo direito de reivindicar direitos<sup>3</sup> (SADER, 1998, p. 12 e 26).

Mesmo já tendo surgido numa conjuntura de mudança subjetiva, a CUT precisava interpelar os trabalhadores para que continuassem se mobilizando na conquista da almejada "sociedade democrática e sem exploração". Era necessário, através de uma intensa prática discursiva,

<sup>3</sup> A explicação da emergência do novo sujeito foi elaborada a partir das considerações de Sader (p. 26) e Chauí (p. 12), que escreveu o prefácio da obra do autor. Cf. bibliografia.

conscientizá-los de que eram sujeitos potencialmente independentes, capazes de promover a mudança nas condições de trabalho e de vida e que a CUT seria a entidade organizativa desse processo de transformação. Então, é construída discursivamente a imagem de um trabalhador cuja interiorização por uma massa de trabalhadores faria surgir a nova conjuntura econômica, política e social.

Para tanto, a condição é que exista uma entidade que politize a coletividade, promova a identificação ideológica entre seus componentes, fadados à dispersão e à diferença. A CUT, oriunda do agrupamento dos trabalhadores, torna-se a organizadora dessa coletividade. Essa dinâmica é típica da figura do porta-voz, na qual seus representados, embora sejam "enunciadores originários" da palavra, também são "destinatários" (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 25).

Quem assume essa posição, na acepção pecheuxtiana, é o sujeito simultaneamente ator e testemunha do acontecimento. Por ser ator, participa das ações do grupo representado, mas se diferencia deste por ser o mediador das negociações com o adversário. Logo, é alvo privilegiado do olhar alheio. Por ser testemunha, tem visibilidade do acontecimento assim como o grupo, contudo, diferencia-se deste por visualizar melhor a participação de todos. Há, então, uma contradição constitutiva da figura do porta-voz: ora "igual" aos representados, ora "diferente" (PÊCHEUX, 1990; ZOPPI-FONTANA, 1997).

A seguir, refletimos sobre a memória discursiva, abordada sobre dois vieses. Primeiramente, nos valem da perspectiva discursiva da leitura e, conseqüentemente, do vai e vem entre homogeneidade e heterogeneidade que surge da interlocução entre sujeito-autor e sujeito-leitor para dissertamos sobre o modo como a publicação sindical cutista desfaz o efeito de completude das materialidades advindas da grande mídia a fim de conferir esse efeito ao contradiscurso da mídia alternativa. Secundariamente, partimos da visibilidade histórica típica do porta-voz legitimando a CUT como "guardiã da memória" dos trabalhadores. Nesse viés, destacamos como a palavra do trabalhador é ressignificada quando enunciada pelo porta-voz, processo evidenciador da assimetria entre sujeito-autor/sujeito-leitor no texto advindo do espaço discursivo sindical.

### **Memória discursiva**

Courtine (1981) formula a noção de memória discursiva supondo sua subjacência nas observações de Foucault (2000) sobre o "domínio associado". Conforme explica esse último autor, todo enunciado está atrelado a um campo repleto de outros enunciados, com os quais estabelece distintas relações semânticas: repetição, transformação, oposição, etc. (p. 112).

A partir desses pressupostos, Courtine (1981) pensa a memória discursiva como "l'existence historique de l'enoncé" (p. 53). A ênfase à historicidade do dizer, feita através do conceito em pauta, repercute no gesto de interpretação. Reproduzindo o autor (2006), "fazer análise do discurso é aprender a deslinearizar o texto para restituir sob a superfície lisa das palavras a profundidade complexa dos índices de um passado" (p. 92).

No processo de deslinearização, é preciso questionar como o discurso restitui esse passado, como se relaciona ao "domínio de memória"<sup>4</sup>. Dito de outra forma, de que modo o discurso lembra, esquece, refuta, transforma os elementos de saber de sua formação discursiva e de outras que com ela coexistem no interdiscurso.

Neste estudo, estamos refletindo sobre a inscrição da historicidade num discurso materializado na mídia sindical de esquerda. Tal mídia, para afirmar essa filiação e dar-lhe uma aparência de homogeneidade, de fechamento à intervenção de outras formações ideológicas, tenta fazer "recortes de memória"<sup>5</sup> opostos aos feitos pela grande mídia, interpretada como um aparelho ideológico a serviço da direita.

Na ótica de Marilena Chauí (2006), se atentarmos ao funcionamento da mídia de massa será uma ilusão crer que estratégias totalitaristas descritas por George Orwell não existem em países democráticos. Essa mídia teria função semelhante a de algumas instituições do totalitarismo responsáveis por produzir mentiras, reescrever "a história de acordo com os desígnios do poder" e anular "a memória dos acontecimentos reais" (p.11).

Pensando discursivamente esses aspectos, podemos afirmar que são os saberes silenciados, esquecidos pela grande mídia que alguns meios

<sup>4</sup>Essa expressão, oriunda de Foucault, é utilizada por Courtine (1999, p. 18).

<sup>5</sup>Expressão de Orlandi (2004, p. 14).

de comunicação alternativos fazem voltar para que se instaure o equívoco na versão histórica da direita. Assim, o não-dito é linearizado permitindo a construção de outro modo de narrar.

Além disso, para que essa nova história seja elaborada, a trama de já-ditos da direita, quando interpretada com significação oposta aos seus dizeres atuais, é linearizada de modo a ficar à mercê do equívoco. Para tanto, são usados determinados recursos linguístico-discursivos, alguns dos quais enumerados por Pêcheux (1990): "mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras..." (p. 17). Esses e outros recursos prestam-se à produção de um contradiscurso, que denuncia ser o encadeamento entre o passado, o presente e o futuro construído pela grande mídia não-isento de falhas. Dito de outra forma, tais procedimentos põem em evidência que a manutenção do "fio de uma lógica narrativa" é imaginária (MARIANI, 1998, p. 34).

A mídia de massa, tal como afirma Chauí (2006), anula a memória dos acontecimentos, ou seja, apresenta-os sem situá-los no tempo, sem fazer referência às suas causas e consequências. Dessa forma, eles "têm a existência de um espetáculo e só permanecem na consciência dos ouvintes e espectadores enquanto permanece o espetáculo de sua transmissão" (p. 46). Em contraposição, a mídia de esquerda trabalha novamente os acontecimentos, dessa vez, com precisas coordenadas temporais. O momento de irrupção, as formulações que os antecederam e os sucederam, os sujeitos relevantes ao aparecimento de certos sentidos e silenciamento de outros são algumas lembranças que podem diferenciar a abordagem midiática da esquerda em relação à direita. E, na nova versão histórica, importa que prevaleça a opacidade em detrimento da transparência, da limpidez de sentidos, tão caras à grande mídia. Importa "perturbar a memória"<sup>6</sup> dos ouvintes/leitores, levá-los a interiorizar acontecimentos despercebidos ou a mudar a forma de inscrição de outros, antes aceitos sem ressalvas.

A memória discursiva fornece os implícitos, a possibilidade de leitura das materialidades. Sendo assim, o discurso, sob a orientação ideológica revolucionária, tenta mexer na "regularização" prévia à interpretação, desregular a rede de implícitos e criar outra "regularização" (PÊCHEUX,

<sup>6</sup> Expressão de Pêcheux (1999) reportando-se a Pierre Achard (p. 52).

1999, p. 53). Como, seguindo Pêcheux (1990), "os discursos de revolução (análises, programas, apelos...) tendem inevitavelmente a tornar simétrico algo presente nos discursos da ordem estabelecida", a nova rede de implícitos deverá possibilitar leituras da realidade atentas à reprodução contínua e ininterrupta das relações hegemônicas (p. 18).

Nessa busca pelo contraponto, a mídia de esquerda, em nosso caso "sindical", constrói, por sua vez, outra narrativa, isto é, uma nova forma de "organizar" o domínio da memória, de homogeneizá-la. Reproduzindo novamente Mariani (1998), outro "fio de uma lógica narrativa" é elaborado, mas, à semelhança do anterior, é rompível, tendo em vista a impossibilidade de contenção do deslocamento de sentidos intrínseco à memória (p. 34).

A referida busca pela "organização" da memória é inerente aos processos discursivos, pois os sujeitos, como lembra Pêcheux (1997), desejam incessantemente estabilidade lógica no seu mundo (p. 33). A tentativa de "doutrinar" os já-ditos que circundam o dizer está presente na imprensa sindical devido também ao seu "tom didático", relevante para que os materiais publicados "informem" claramente os trabalhadores a respeito das privações de direitos e das formas de reivindicação e, assim, "formem" militantes.

Além disso, a CUT está assumindo a posição-discursiva de portavoz dos trabalhadores, logo, tem visibilidade tanto do grupo que representa como do poder com o qual se afronta. A partir dessa condição de observadora privilegiada dos acontecimentos históricos se autolegitima a ser a "guardiã da memória" da classe trabalhadora. Por assumir essa credibilidade, põe-se a controlar a memória de seus representados, numa tentativa em vão de estabilizar esse espaço inerentemente móvel.

Perseguindo a tentativa de estruturação da memória, o discurso cutista propõe articulações "lógicas" tanto entre os saberes da formação discursiva oponente, conforme explicitado acima, como entre os saberes da formação discursiva a que está filiado. Nesse âmbito, observamos que a CUT, em suas publicações, não cessa de retomar os enunciados que a caracterizaram como fundadora de uma nova fase na história sindical brasileira. A Central insiste na continuação da rede de memória que fundou para tentar instaurar a homogeneidade no seu discurso. Essa relação com a exterioridade, por sua vez, intervém na composição linguística dos enunciados, seguidamente transformados em paráfrases



de "formulações-origens", ou seja, construções que podem ser compreendidas como lugar de emergência de elementos de saber de uma determinada FD (COURTINE, 1981, p. 56).

No item seguinte, através da análise de duas sequências discursivas de referência discorreremos sobre a oscilação inerente ao porta-voz, ora igual, ora distinto de seus representados.

### **Análise discursiva**

Abaixo, o manifesto do qual selecionamos as duas sequências discursivas de referência que serão dessuperficializadas:

#### **1º de maio**

#### **Manifesto aos trabalhadores: "Não dá mais!"<sup>7</sup>**

Companheiros, neste momento milhares de trabalhadores estão em greve. Metalúrgicos em São Paulo, mineiros na Bahia, vigilantes no Paraná, aeroviários e aeronautas no Rio e em São Paulo.

Ferrovários, metroviários do Rio e São Paulo já marcaram data para parar, motoristas e cobradores de ônibus de São Paulo também. Grandes assembleias de trabalhadores têm decidido: não dá mais! Não dá para continuar do jeito que está.

Não dá para esperar enquanto dez milhões de trabalhadores estão desempregados; enquanto 11 milhões recebem o irrisório salário mínimo e só com comida gastam dois terços dele; enquanto 16 milhões de trabalhadores rurais já foram expulsos de suas terras e perambulam pelo país em busca de sobrevivência.

Não dá para se calar quando o governo promete pagar a dívida externa de 100 bilhões de dólares, feita pela ditadura militar e que nos custará outros 19 bilhões, só de juros, neste ano. Quantos milhões morrerão ainda de fome para que o dinheiro deste país vá engordar os cofres dos banqueiros norte-americanos? O FMI, as multinacionais e seus aliados querem que sejamos nós trabalhadores a pagar pelos empréstimos que Delfim e Cia fizeram!

Os patrões estão falando mais uma vez que é preciso esperar para reivindicar. Mas, nós sabemos que o lucro das empresas cresceu, que os bancos aumentaram como nunca seus patrimônios e nenhum patrão morreu de fome nestes vinte e um anos. Nós, trabalhadores, ao contrário, vimos nossos salários violentamente arrojados e milhões de pessoas jogadas na mais brutal miséria.

Não dá mais para ouvir falar em democracia enquanto os trabalhadores continuam apanhando nas portas das fábricas e camponeses sendo perseguidos pelo latifúndio. Que lei é essa que só serve para proteger os patrões? Que lei é essa que prende trabalhadores e dirigentes sindicais mas deixa soltos os ladrões do dinheiro público na Capemi, no

---

<sup>7</sup>Os trechos sublinhados identificam as sequências discursivas de referência selecionadas.

Sulbrasileiro, no Brasilinvest? Que lei é essa que protege a propriedade dos patrões mas permite que se arranque dos trabalhadores seu único bem - o direito ao trabalho? Que lei é essa que permite o saque das riquezas do país pelas multinacionais? Leis que proibem a livre organização do povo e impedem de escolher prefeitos das capitais e o próprio presidente da República?

Companheiros, são ainda as leis da ditadura, impostas goela abaixo do povo brasileiro nestes vinte e um anos de miséria e repressão. Contra isto nos levantamos e na campanha das Diretas, milhões à rua, dissemos: **basta, chega de ditadura!**<sup>8</sup>

É preciso mudar. Estamos de acordo.

É preciso acabar com a fome, já.

É preciso garantir o trabalho, já.

É preciso garantir a independência nacional e as riquezas deste país. É preciso garantir a democracia. E não há democracia sem terra e trabalho para o povo.

Por tudo isto, nós trabalhadores, viemos cruzando os braços, lutando por nossos direitos ao salário e ao trabalho decente; defendendo a sabedoria da nação contra a pilhagem do FMI.

Muitos estão dizendo que não é este o momento para reivindicar. Mas, quando é o momento? Quando não restar mais que o bagaço deste país, de suas terras e de sua gente?

É preciso mudar. Por isto, estamos exigindo a redução da jornada para mudar o quadro de desemprego. Por isto, exigimos as reposições trimestrais de salário: para enfrentar uma inflação que nestes três primeiros meses de 85 já chega a 45%.

Por isto, exigimos a reforma agrária sob o controle dos trabalhadores e rejeitamos o Estatuto da Terra.

Por isto, exigimos liberdade e autonomia sindical como parte das mais amplas liberdades democráticas. Por isto rejeitamos pactos sociais que nada têm a oferecer aos trabalhadores. Por isto, defendemos a convocação de uma Assembléia nacional Constituinte livre e soberana, as eleições diretas para presidência da República e exigimos o rompimento com o FMI.

Companheiros, neste dia, quando milhões de trabalhadores e trabalhadoras no mundo gritarão que sua libertação será obra dos próprios trabalhadores, a CUT declara:

Trabalhadores do Brasil, unamo-nos em torno de nossas bandeiras. Unifiquemos nossos movimentos e nossas lutas pela recomposição do salário mínimo, pelas 40 horas, pelo reajuste trimestral. Deixemos claro aos patrões e ao governo que somos maioria e que esta é a nossa vontade.

Queremos democracia, pão, terra e trabalho, já.

Por isto, estamos em luta e para isto propomos cerrar fileiras em todo país.

Assinam: Jair Meneguelli

Paulo Renato Paim

No "Manifesto aos Trabalhadores: Não dá mais!" (1985), são

---

<sup>8</sup> Grifo no original.

relembradas as greves que estão ocorrendo em diferentes cidades brasileiras e motivado o engajamento nas lutas. Esse relato demonstra a continuidade da 1ª Campanha Nacional de Lutas, iniciada em outubro de 1984, que reivindicava, entre outras bandeiras, redução de 48 horas sem redução de trabalho, reajuste trimestral, salário-desemprego e reforma agrária.

Nessa época, as greves constituíam um eficaz instrumento de luta da CUT e conferiam identidade à Central, cuja originalidade era o "sindicalismo combativo", em oposição à estrutura sindical existente, menos conflitiva em virtude do controle feito pelo Ministério do Trabalho. O motivo da 1ª Campanha Nacional de Lutas era também a conjuntura econômica, deteriorada pelas duas décadas de regime militar e dois anos de submissão econômica ao FMI (Fundo Monetário Internacional). Conforme explicações publicadas no I CONCURTO (1984), a consequência era uma crise econômica grave, sentida principalmente pela classe trabalhadora, cujas condições de vida e de trabalho atingiram o ápice da precariedade (p. 23).

Passemos à análise comparativa das duas SDR:

**SDR 1** - Manifesto aos trabalhadores: "Não dá mais!"

**SDR 2** - Ferroviários, metroviários do Rio e São Paulo já marcaram data para parar, motoristas e cobradores de ônibus de São Paulo também. Grandes assembleias de trabalhadores têm decidido: não dá mais! Não dá para continuar do jeito que está (BOLETIM NACIONAL DA CUT, n.1, maio, 1985, p. 2-3).

Temos nas SDR duas formas de discurso relatado, o direto e o indireto, respectivamente. A frase "Não dá mais!", embora repetida, aparece em modalidades de discurso diferentes, acompanhada de expressões linguísticas também distintas, o que traz implicações para a significação.

Na SDR 2, o uso do discurso indireto demonstra que a CUT está sendo a tradutora da decisão que os trabalhadores vêm tomando. A ausência de aspas atesta a não-separação entre o discurso da Central e o discurso do outro - o trabalhador. Um apagamento revelador de uma identificação entre a porta-voz e seus representados. Na promoção dessa simetria, o sujeito-leitor se identifica como a voz "originária".

Na SDR 1, título do manifesto, o uso do discurso direto é ambíguo.

Por um lado, posiciona a CUT como porta-voz que mantém uma relação de simetria com o grupo, pois reproduz fielmente suas palavras. Por outro, o uso da preposição "aos" em "manifesto aos trabalhadores" seguida do uso do discurso direto mostra que "Não dá mais!" não é somente uma decisão dos trabalhadores, mas a orientação que a CUT lhes dá. Aí é instaurada a assimetria, a separação entre o discurso do porta-voz e de seus representados, fato comprovável pelo reaparecimento das aspas. Destinar aos trabalhadores uma frase que já estava sendo enunciada por eles não só revela a dinâmica típica à figura do porta-voz, mas também parece significar que, segundo a CUT, "Não dá mais!" ainda não está sendo enunciada por toda a coletividade, talvez porque muitos de seus integrantes ainda não tenham sentido a revolta, a rebeldia, o desejo de negar o passado e o presente, sentimentos necessários à enunciação de "Não dá mais!". No manifesto, além da sequência em análise, há outros recursos na linearidade que impedem a estagnação e convidam a luta, tais como: enumeração de problemas que afligem a mão de obra; descrição das indignas condições de vida e de trabalho; explicação de decisões governamentais com implicações prejudiciais à população; indagações sobre um sistema jurídico que privilegia o patronato e o governo, em detrimento dos populares e dá seguimento às leis da ditadura. Essas materialidades são mecanismos que interpelam os trabalhadores à movimentação de sua memória discursiva e à negação eufórica de "Não dá mais!".

A CUT está enfatizando sua posição de "testemunha privilegiada da história", que consegue avaliar a dimensão do engajamento, à diferença de seus representados. Sabe que o empenho, a revolta, a mobilização têm de ser urgentes, conhecimento ainda não assimilado pelos trabalhadores. Essa observação confirma-se no uso da perífrase verbal "têm decidido" na SDR 2, que indica uma ação não-acabada, prolongada no tempo, cujo agente é o trabalhador. Em oposição, somente a frase "Não dá mais!", apropriada pela CUT, tem um aspecto cessativo e não durativo.

A mediação da palavra é do trabalhador para o porta-voz e deste para o trabalhador. Mediação necessária para organização da coletividade e contenção da dispersão de posições-sujeitos, assumida na materialidade. Conforme podemos interpretar através do uso da perífrase "têm decidido" em detrimento da forma verbal "decidiram", muitas dessas posições são

representadas como plenamente identificadas com o "novo sindicalismo" e, inclusive, têm propalado seu assujeitamento em grandes assembleias trabalhistas, enquanto outras ainda mantêm relações diferentes com essa proposta sindical, que podem ser de contraidentificação ou desidentificação. É porque existem essas outras "modalidades", outras formas de tomar posição que é preciso enunciar a frase de ordem "Não dá mais!" aos trabalhadores.

Paráfrases do enunciado em análise certamente já foram ditas no meio sindical em outros momentos de resistência. Mas, quando o enunciado "Não dá mais!" surge apegado ao acontecimento de 78 - o surgimento do "novo sindicalismo" e ao acontecimento seguinte - a fundação da entidade nacional representativa dos trabalhadores, sua significação é atualizada, revigorada pela situação de enunciação. Sendo assim, "Não dá mais!" pode ser compreendido como um pré-construído de que o discurso cutista se apropria e coloca sob sua total responsabilidade.

A estrutura da frase, composta pelo operador de negação topicalizado modificando o verbo "dar" no presente do indicativo e a exclamação, imprime um aspecto cessativo. O uso dessa aspectualidade materializa um princípio do discurso fundador: o término do existente, a ruptura. Além de a frase estar sendo enunciada nesse tipo de discurso, é apropriada por um sujeito "porta-voz", logo, por um observador privilegiado da história. Tais evidências permitem-nos afirmar que "Não dá mais!" está sendo transformada no discurso sindical da CUT em "formulação-origem do domínio da memória" (COURTINE, 1999, p. 19). A formulação em pauta adquire esse "status" em detrimento não só das propriedades discursivas mencionadas, mas também em virtude das condições de produção: em 1985, a emergência do "novo sindicalismo" e também de "novas subjetividades" ainda subsidiava as mobilizações, a CUT, fundada há apenas dois anos, organizava uma série de lutas em massa, às quais a adesão crescia progressivamente.

### **Conclusão**

Pelo percurso teórico-analítico seguido, confirmamos nossa suposição. A CUT, enquanto sujeito-autor da materialidade sindical, confere visibilidade aos interesses dos trabalhadores, produzindo o efeito

de uma interlocução equilibrada com seus sujeitos-leitores. Mas ao linearizar e homogeneizar tais interesses, incide sobre os saberes da memória discursiva dos representados. Sob a ilusória equipolência, ressignifica os já-ditos advindos dos trabalhadores de modo que se tornem "formulações-origem" na ordem de um discurso fundador. A palavra do trabalhador, quando enunciada pela porta-voz, insere-se em uma trama de relações semânticas que legitima a representante a enunciar como se as demandas de seus representados se originassem da visibilidade histórica típica da figura do porta-voz. A disparidade da interlocução entre sujeito-autor e sujeito-leitor ainda se acentua quando atentamos para a interpelação ideológica subjacente às materialidades sindicais, cuja dessuperficialização revela recursos linguístico-discursivos que visam ao controle da identificação entre a classe trabalhadora e sua Central.

**Abstract:** Analysis, we discuss the specificity of the interlocution that is established between the subject-author and the subject-reader in the publications from Central Única dos Trabalhadores (CUT). The Central, in the condition of the legal representative of workers, produces materialities in which the destinaries can identify themselves as "originary voices". However, this symmetry between the subject-author and the subject-reader coexists with an asymmetry, because the workers' enunciates are re-signified in discourse from CUT, who resorts to mobilization and to attempts to organize discursive memory in order to interpellate working class so that it recognizes and maintains the Central as its legitimate spokesperson. This theoretical-analytical study briefly deals with the constitution of CUT as the workers representative, and then discusses discourse memory. Finally, it elucidates some theoretical articulations through the analysis of two referential discourse sequences extracted from "Manifesto aos Trabalhadores: Não dá mais!" (BOLETIM NACIONAL DA CUT, 1985).

**Keywords:** CUT's discourse. Spokesperson.. Subject-author. Subject-reader.

### Referências

BOLETIM NACIONAL DA CUT, n.1, maio, 1985, p. 2-3.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COURTINE, Jean Jacques. Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, juin, 1981.

\_\_\_\_\_. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

\_\_\_\_\_. Linguagem, discurso político e ideologia. In: \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 59 -86.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: ERNST, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo. *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos (1982). Trad. José Horta Nunes. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez, 1990.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*.

Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983). Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

RESOLUÇÕES DO I CONCURTO. São Paulo: CUT, 1984.

RODRIGUES, Iran Jacomes. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT*. São Paulo: Scritta, 1997.

\_\_\_\_\_. Sindicalismo e desenvolvimento regional: a experiência dos metalúrgicos do ABC. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28., Caxambu (MG), 2004. *Anais...* Caxambu, 2004.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SILVA, Renata S. *O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT*. 2010. 199f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2010.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. *Cidadãos modernos: discurso e representação política*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.